



Uma aplicação da teoria bi-lógica ao estudo da mudança psíquica e do luto*

Romualdo Romanowski**, Porto Alegre

Jair Rodrigues Escobar***, Porto Alegre

Rudyard Emerson Sordi***, Porto Alegre

Os autores consideram que o processo de mudança psíquica envolve a elaboração do luto pela perda de “teorias de vida” embasadas na crença narcísica onipotente e sua substituição por outras mais realísticas a respeito de como solucionar os inerentes e naturais problemas da existência. O questionamento da “verdade” destas teorias de vida, bem como a aquisição da percepção da existência do tempo, fazem parte do referido processo e isto diz respeito tanto ao paciente como, em certa medida, também ao analista. Tais problemas são vividos, reeditados e revisados na relação transferencial contratransferência. Apresentam um exemplo clínico para ilustrar. Ponderam que os conceitos de simetria, assimetria, homogeneização e diferenciação, que fazem parte da teoria bi-lógica de Matte-Blanco, são elementos importantes para o estudo e para a compreensão da dinâmica das mudanças psíquicas que ocorrem num processo analítico não estático.

* Este trabalho teve sua origem nas discussões em grupo de estudos do qual participaram também Eneida Iankilevich, Jussara Schestatsky Dal Zot, Irineu Francisco Leonardi e Margareth Silveira Campos, cujas contribuições os autores agradecem.

** Membro Efetivo e Analista Didata da SPPA.

*** Membro Associado da SPPA.





1. Introdução

Desde a criação da psicanálise, a mudança psíquica tem sido buscada como seu objetivo primordial. A formulação inicial objetivava trazer à consciência conflitos inconscientes, a seguir buscava aliviar a dor causada pela angústia através da integração pelo ego dos impulsos, amor e ódio, superego e id. Nesta época, a psicanálise se atinha à observação pelo analista do inconsciente do outro, o paciente. Hoje, por mais distintas que sejam as escolas, todas, de certa maneira, admitem ser impossível conceber o processo analítico como atingindo apenas um dos dois pólos. Em qualquer ciência, não mais se admite que exista um observador totalmente alheio ao fenômeno observado.

Na concepção aristotélica, o conhecimento seria adquirido pelo cognoscente, passivo, matéria que se informava através do objeto, ativo, forma. Já a partir de Kant, alteraram-se os pólos. As coisas não seriam conhecidas predominantemente pelo que é seu. O cognoscente, ativo, seria o determinante do conhecimento: a matéria (objeto a ser conhecido) determina-se pelas formas do cognoscente, a realidade a ser vista é a realidade que foi conhecida desta maneira. Além disso, a experiência só é adquirida se existe percepção através de duas determinantes universais: espaço e tempo (Jiménez Moreno, 1995).

O estudo do tema “mudança psíquica” demonstra que o conceito varia de acordo com as teorias de diversos autores (Etchegoyen, B. Joseph, Bion, Steiner, Meltzer), não existindo uma compreensão idêntica e, muitas vezes, nem semelhante. Contudo, alguns elementos parecem ser mais ou menos constantes, pelo menos nos autores revisados. Pode-se mencionar o movimento que ocorre de uma posição esquizo-paranóide, de objetos cindidos, para outra de relação com objetos mais reais e totais, mais próxima da posição depressiva. Fatores importantes, vividos na relação transferência/contratransferência, seriam, por exemplo, mobilização da ambivalência, inveja, luta em direção ao e contra o conhecimento, manejo das partes psicóticas, etc. Os autores referidos salientam, e com eles concordamos, que em todo este quadro há uma perda da crença na onipotência narcísica e uma necessidade de que o paciente encare e realize o luto conseqüente. Entretanto, não especificam de forma mais detalhada as origens deste luto.

É objetivo deste trabalho assinalar alguns elementos que possam ampliar o pensamento e a compreensão a respeito de mudança psíquica e o concomitante luto durante o processo psicanalítico em seus diversos momentos. Este estudo visa a chamar a atenção para a necessidade de que seja percebido e elaborado o luto pelo abandono de certas convicções, ou teorias, que, embora úteis em algum grau no passado,





tornaram-se insuficientes ou mesmo prejudiciais e que foram, através do trabalho analítico, modificadas ou abandonadas. Acompanha tal processo uma ferida narcísica inevitável, junto a um questionamento à crença na própria onipotência e onisciência. A mudança de tais convicções e/ou teorias implica em mudança psíquica, com a aquisição de um maior conhecimento, pelo paciente, de sua realidade psíquica, uma discriminação mais efetiva e clara entre realidade interna e realidade externa.

O pensamento de Matte-Blanco objetiva, entre outras metas, exatamente o estudo da relação existente entre consciente e inconsciente para que possa ser obtido este maior conhecimento da realidade psíquica. Portanto, neste trabalho, os autores reputam importante que sejam utilizadas algumas contribuições de Matte-Blanco, mais particularmente quando fala de simetria e assimetria na teoria bi-lógica e é postulada a existência de dois modos concomitantes e contrastantes na relação consciente-inconsciente.

2. Mudança psíquica: um aspecto particular

Como dito acima, o processo analítico implica em um ataque à crença na onipotência narcísica, deflagrando-se um luto particular: o luto pela perda da convicção nas teorias até então vigentes em ambos os integrantes do par analítico. O analista, embora não imune, mercê de sua anterior análise pessoal, terá menos dificuldades para enfrentar este desafio e, conseqüentemente, poderá ajudar com mais eficiência na tarefa de ambos. Por “teorias de vida” entendemos a maneira, sistema de sentimentos, idéias e condutas que o analisando e o analista têm usado, cada qual a seu modo, como tentativas de resolver seus problemas, isto é, para manter seu equilíbrio psíquico. Não podemos esquecer que tais teorias se mostraram de relativa utilidade em circunstâncias passadas, tornando-se insatisfatórias em certo momento de sua vida. Isto vale tanto para as motivações da busca de tratamento quanto para o desenvolvimento da análise. Popper afirma que todos os seres vivos, para tentar resolver seus problemas de sobrevivência, utilizam determinados esquemas, ensaios de adaptação, por ele comparados às nossas teorias científicas. Mais ainda, alerta que tais ensaios nunca podem ser definitivos, visto as condições ambientais também sofrerem modificações no transcorrer do tempo. Pensamos que uma das motivações da procura de tratamento por um futuro paciente reside em um questionamento destas teorias por um aspecto sadio de sua personalidade, ao perceber certo grau de sofrimento ou inadaptação. Supomos que isto deriva de um *insight* prévio ao tratamento e motiva o indivíduo a procurar um auxílio (análise). Este *insight* e sua conseqüente busca de auxílio não impedem, entretanto, que, ao começar o processo analítico,





volte a predominar no paciente uma necessidade de defender e utilizar as antigas teorias. Desta forma, passa a atribuir ao analista o interesse de modificá-las, isto é, o desejo pela mudança psíquica. Bion (1963), com referência a pacientes muito regressivos, já alertara para a “Reversão da Perspectiva”, na qual o fenômeno atinge dimensões de difícil abordagem.

Para se construir algo com outro alguém é condição admitir a existência desse outro. Tanto a teoria quanto a prática clínica possibilitam-nos pensar que o caminho é penoso. Podemos formular a hipótese que o indivíduo inicialmente se crê onipotente: não existe o outro, “*eu sou o mundo*”. Com o crescimento o sujeito passa a não querer admitir a existência do outro, embora esta se imponha, pois admiti-la fere dolorosamente a crença na própria onipotência e a homogeneidade é posta em questão: o outro existe, tem sua liberdade e não necessariamente pensa como o sujeito. Não é simétrico. Prosseguindo em seu caminho rumo ao amadurecimento, o indivíduo já admite a existência do outro, quer conhecê-lo, porém este conhecimento é limitado, o que acaba redundando também em um prejuízo ao autoconhecimento, pois o conhecimento do mundo circundante contribui para o próprio conhecimento. Instala-se, por esta limitação a conhecer o outro, nova ferida à auto-estima e nova derrota da crença na própria onipotência e onisciência. Julgamos que nesta etapa a grande frustração consiste – pelo juízo de realidade – em ter que reconhecer os próprios limites, constatar que não pode conhecer inteiramente o outro, que o mundo funciona de maneira independente e há que reformular muita coisa quanto à maneira pessoal de funcionar, juntamente com a dor da constatação do tempo já desperdiçado com modelos antigos. O analista, de modo especial, é desafiado quotidianamente a tolerar esta frustração, pois suas teorias não conseguem satisfazer a ambição de alcançar o conhecimento amplo de seus pacientes. Faz parte da função analítica admitir esta limitação. Por outro lado, a percepção da existência de limites é inseparável da noção de espaço, introduzindo a possibilidade de separações, mas também a potencialidade de estabelecer relações e de adquirir confiança na manutenção de determinadas relações ou na expectativa de reencontros.

Para o indivíduo, questionar a sua teoria de vida implica uma ameaça de luto, não apenas por uma condição interna, mas também porque este questionamento propõe uma reavaliação da forma como viveu até então, o que inclui uma apreciação e reconhecimento de suas limitações, capacidades, alcances e a inevitável dor pelo que “não pode ser”, a conscientização do que “não poderá ser”, imposta pela realidade física de espaço e tempo, que não pode mais ser negada. Os possíveis ganhos que advirão não têm ainda a força e o poder de convencimento e então o que predominará poderá ser um sentimento de perda, antes que de um ganho. Esta situação é vivida na transferência, sendo o analista sentido como o responsável por esta dor. A luta contra





isto transforma-se numa luta contra o analista. Em outras palavras, abandonar uma fantasia onipotente por uma constatação de uma realidade obviamente limitada não é algo que se viva sem um sentimento de perda e luto pela convicção defraudada.

Salientamos antes que processo similar tende a acontecer no analista. Confia-se que a análise pessoal do analista já o tenha capacitado a ser mais permeável às modificações de crenças e expectativas; que já tenha um insight mais utilizável para esta tarefa e que, portanto, já tenha evoluído o suficiente não só para suportar as decepções pela fantasia onipotente abalada como também para poder elaborar os lutos com os quais se defronta a cada nova etapa vencida.

Mas alguns riscos sempre estão presentes. B. Joseph reafirmou, em 1990, o que Freud escreveu no distante 1912, alertando para a possibilidade de, inconscientemente, exercermos pressão sobre os pacientes para que reajam de forma a confirmar nossas teorias e expectativas:

“...embora tentemos focar no que nossos pacientes trazem e em seu modo individual e próprio de funcionar, nós de fato mantemos como pano de fundo, em nossas mentes, nossa própria perspectiva teórica, alguma idéia do tipo de mudança psíquica que almejamos a longo prazo” (p.346).

Muito já foi descrito sobre os diversos fenômenos que poderiam ser considerados como constituintes da mudança psíquica: onde havia id, que haja ego; onde predominava a estagnação, que se amplie a criatividade; ou que o princípio de realidade predomine sobre o princípio de prazer; ou ainda que as relações de objeto parciais evoluam para relações de objeto totais; ou também que se amplie a tolerância à frustração e que a busca do conhecimento não seja freada por angústias intoleráveis, ou mesmo que a pessoa passe a se responsabilizar pela sua vida, enfim, todas as idéias convergem para a busca da verdade psíquica. Neste rol, certamente incompleto, julgamos necessário acrescentar que, segundo a teoria de Matte-Blanco, a mudança implicaria no predomínio da assimetria onde antes predominava a simetria, onde existia generalização que exista discriminação, afirmativas que procuraremos fundamentar mais adiante.

A respeito do que considera mudança psíquica, B. Joseph, em seu artigo “Mudança psíquica e processo psicanalítico” (1989 [1986]), relaciona tanto as mudanças do estado mental passo a passo durante o processo analítico, como as mudanças mais abrangentes e duradouras. Chama a ambas “mudança psíquica”. Em alguns momentos, porém, considera mudanças psíquicas reais apenas aquelas mais consistentes e estabelecidas.

Para os propósitos do presente trabalho, consideramos as diminutas mudanças





do estado mental que ocorrem momento a momento, na transferência, como oscilações e vicissitudes do processo, reservando a designação “Mudança Psíquica” para algo que inclua, no mínimo, os seguintes elementos:

Direção. A mudança psíquica, em decorrência da análise, deve expressar um aumento na organização das funções mentais no rumo do desenvolvimento da capacidade de pensar. Isto pressupõe crescimento das capacidades de representação mental das percepções internas e externas e ampliação das relações entre estas representações. Como decorrência o pensamento antecipar-se-á à ação, observando-se uma liberação da capacidade criativa.

Tempo. A aquisição interna da noção de tempo possibilita que a repetição compulsiva seja superada; que novas atitudes e posicionamentos surjam. A consideração de mudança psíquica deve levar em conta a obtenção, a persistência das modificações conseguidas e a sinalização da possibilidade de novas modificações evolutivas ou simplesmente adaptativas. Mudança psíquica, por conseguinte, deverá ter um tempo de duração para que possa ser considerada como consolidada, embora não estática, o que implica supor que houve mudança estrutural.

Conduta. Como decorrência da aquisição da noção do tempo e desenvolvimento da capacidade de pensar, a conduta passa a obedecer predominantemente ao princípio de realidade. É verificado um maior grau de adaptação à realidade externa.

A avaliação dos elementos mencionados é feita a partir de três pontos de referência: o paciente, o analista e o meio. O paciente aumenta o intercâmbio entre realidade interna e externa, percebe, progressivamente, a figura real do analista, ademais da figura transferencial, e relata maior capacidade de usufruir a vida. O analista registra modificações mais maduras e estáveis na relação transferência/contratransferência. Finalmente, não são destituídas de valor as manifestações do meio que apontam modificações de conduta e melhores relações interpessoais. A convergência destes três indicadores registraria a presença efetiva de uma mudança psíquica.

3. O pensamento de Matte-Blanco

Torna-se agora oportuna uma síntese de algumas contribuições de Ignacio Matte-Blanco que utilizaremos para fundamentar a proposição do presente trabalho.

Matte-Blanco, pensando e trabalhando a partir dos conceitos e das características do sistema inconsciente – tal como foi concebido por Freud –, afirma que eles obedecem a uma lógica amplamente distinta daquela que rege o nosso pensamento





científico. Assinala que Freud considerava a existência de diferentes atividades psíquicas: uma, expressando a reflexão voluntária, acompanhada de consciência (processo secundário); outra, que desta difere representando os fenômenos inconscientes (processo primário). A lógica habitual do pensamento científico, lógica aristotélica ou bivalente, é contrastante com a dos fenômenos inconscientes. Afirmo Matte-Blanco (1956):

“...não se pode dizer que os processos no sistema inconsciente ocorrem sem conformar-se a nenhuma regra lógica, porque neste caso só seríamos testemunha de um caos; e se houvesse um caos não poderia haver nada predizível, portanto Freud não poderia haver descrito as características mencionadas” (p.142-143).

Complementa ainda que:

“As leis do sistema inconsciente existem, e se não se conformam aos princípios da lógica científica devem conformar-se a algum sistema lógico que pelo menos, em algum respeito, é diferente da lógica científica” (p.143).

A este respeito, dois tópicos básicos devem ser salientados:

a) O inconsciente trata a parte como o todo e, portanto, desaparece a diferença entre a parte e o todo; a parte pode ser, então, colocada em relação biunívoca com o todo. Este é o “princípio de generalização” pelo qual cada coisa é tratada como elemento de uma classe que, por sua vez, seria subclasse de outra classe e assim por diante. Um ente, colocado diante de uma mente, será classificado de acordo com o grupo de sinais que possa emitir. Assim, por exemplo, ao ver-se frente a um sinal como uma voz acolhedora, a mente registra um estímulo. Após surge uma emoção cujo significado pode ser *“estou diante da mãe”*. A qualidade da emoção, em resposta ao sinal, pode ser do tipo amor, raiva, medo, vergonha, etc., ou suas combinações, bem como ser suscetível de variações de momento a momento. Na dinâmica da relação transferência/contratransferência, em um instante, o analista pode ser vivenciado e enfrentado como um rival inimigo e, no próximo, visto e amado como um pai compreensivo. Da mesma forma o paciente, em um momento, pode ser olhado pelo analista como um objeto muito prejudicado, irreparável, e, em outro, passível de mudanças no sentido do crescimento psíquico.

b) O inconsciente trata o inverso, a recíproca de uma relação, como idêntica à própria relação. Aqui temos o “princípio da simetria”, pelo qual relações assimétri-





cas são tidas como simétricas. Por exemplo: *eu sou teu irmão, portanto, tu és meu irmão* é uma relação simétrica. *Eu sou teu pai, portanto tu és meu filho* é um exemplo de uma relação assimétrica. Já: *Eu sou teu pai, portanto tu és meu pai* é uma relação assimétrica tratada como simétrica, que é admitida no inconsciente, porém intolerável e sentida como absurda no sistema consciente, no qual predomina a lógica clássica.

Estes dois tópicos básicos estão relacionados com as características postuladas por Freud acerca do inconsciente e que são fundamentalmente a substituição da realidade externa pela realidade psíquica (sentidas como sendo a mesma, uma só), a atemporalidade, o deslocamento e a condensação (base da projeção, transferência, sublimação, cisão, retorno do reprimido) e ausência da contradição mútua (coexistência dos contraditórios e ausência da negação).

Entre tantas outras conseqüências dessas características, pode-se dizer que o reprimido não é alterado pelo tempo; em decorrência da atemporalidade, no inconsciente não existe sucessão. A transferência pode fazer com que o analista seja o pai, a mãe, o filho, ou qualquer outra figura ou figuras combinadas. O pensamento onipotente, onisciente, cria a convicção de que o sujeito e o objeto vivem e pensam a mesma coisa, pois fazem parte de um infinito indivisível. No caso dos conjuntos infinitos, tendo em vista sua indivisibilidade (pois, se fossem divisíveis, seriam, por definição, finitos), qualquer membro é idêntico ao todo. Não existe a parte, somente o todo, infinito. Um exemplo disto é a figura matemática do ponto. Quando os conjuntos são infinitos, um subconjunto é equivalente ao conjunto. Não há limites separando os indivíduos. O sujeito e o objeto são como uma unidade homogênea. Neste sentido teríamos um processo de homogeneização no qual tudo o que existe se equivale e se torna igual. Um trajeto de crescente homogeneização dar-se-ia na razão inversa do desenvolvimento do aparelho psíquico. Níveis mais primitivos corresponderiam, portanto, a um grau maior de homogeneização. Em termos clínicos, a indiferenciação do bebê com a realidade externa serve como exemplo para a formulação acima.

Simetria exige inexistência de espaço e de tempo no sentido físico-matemático: o espaço exige a diferenciação entre as partes e o todo, e o tempo estabelece seqüência de eventos. Quando os conjuntos são infinitos, um subconjunto é equivalente ao conjunto. Isto é aplicação da teoria de Russel que afirma ser esta uma exceção à regra de que uma classe não pode ser representada por um de seus membros, a não ser no caso de conjuntos infinitos, como aqui sucede.

A esta lógica predominante, mas não única no inconsciente, Matte-Blanco denomina de “lógica simétrica”, reservando o nome de “lógica assimétrica” à que conhecemos como lógica habitual e que prepondera no consciente. A lógica assimétrica é aquela à qual estamos habituados e que opera com os espaços e o tempo em





um sentido físico-matemático, é a lógica utilizada no pensamento científico. É a lógica que discrimina as categorias e as diferenças entre a parte e o todo; entre o presente, passado e futuro; entre gerações, entre gêneros, etc. Na lógica assimétrica há uma tendência à diferenciação entre os objetos, à sua individualização e separação em unidades cada vez mais discretas, isto é, que se revelam por sinais separados.

Em todo o funcionamento mental, tanto consciente como inconsciente, estão sempre presentes a lógica simétrica e a lógica assimétrica; Matte-Blanco chamou de “bi-lógica” esta característica. Convém salientar mais uma vez que, embora ambas as lógicas coexistam, no consciente o predomínio é da lógica assimétrica, enquanto que no inconsciente a lógica simétrica é dominante, podendo-se afirmar que o inconsciente tende sempre a simetrizar relações que são assimétricas. O sentido de realidade deveria ser considerado não apenas sob os aspectos da lógica assimétrica, mas também da lógica simétrica. Como já assinalado, nesta última há uma tendência à formação de classes inclusivas e de a realidade ser experimentada como uma unidade homogênea e indivisível, infinita. Desta maneira não há um reconhecimento do individual, mas sim de classes e funções. Ahumada e Etchegoyen (1990), lembrando o estudo de Karl Lorenz de 1963 sobre agressão, apontam que, na escala biológica, isto parece suceder, sendo o reconhecimento das individualidades posterior ao reconhecimento de “classes”. Nos vertebrados inferiores (peixes dos recifes de corais) há um comportamento baseado apenas no contexto geográfico e em classes tipo “rival”, “fêmea”, “predador”, “presa”. A distinção entre indivíduos é possível somente no patamar atingido mais tardiamente entre os mamíferos. Cabe ainda salientar que o reconhecimento de si mesmo só surge no topo da evolução. O chimpanzé possui a capacidade tanto de reconhecer os indivíduos do seu bando, como até de prever seus comportamentos. Para reconhecer-se em um espelho, diferenciar entre “si” e o “outro”, necessita-se de treino. Como em uma análise, o mais primitivo predomínio do inconsciente só lentamente vai se mesclando com o consciente até se aproximar da meta de conhecer, tanto quanto possível, o mundo externo e poder distinguir-se do outro.

A não ser em uma teorização absoluta, não se pode conceber tanto a lógica assimétrica quanto a lógica simétrica em estado puro. Não podem ser pensadas como tais, já que o pensamento requer o uso de ambas, tanto de relações simétricas como de relações assimétricas. Para pensar temos que dividir, categorizar e relacionar. Não é possível apreender a noção de infinito, o infinito é impensável, pois o pensamento impõe limites, o infinito é ilimitado.

Em *The Unconscious as Infinite Sets. An Essay in Bi-Logic*, Matte-Blanco postula:





“ A mente está estruturada de tal maneira que, se prestarmos atenção, em cada uma de suas manifestações diretas podemos detectar a atividade dos distintos níveis, desde a assimetria observada no pensamento consciente até a maior proporção de simetria dos níveis mais profundos... em cada caso, alguns níveis são mais claros que outros. O tipo de nível que se destaca mais varia, dependendo do caso ” (p.161).

Matte-Blanco considera cinco estratos possíveis, de acordo com o continuum das possíveis combinações simetria/assimetria, bem como subníveis dependentes de maior ou menor grau de generalização. Sinteticamente falando, há um primeiro estrato onde os objetos são mais diferenciados, concretos, onde são estabelecidas suas relações através de semelhanças e diferenças isto é, predomina o pensamento assimétrico. Segue-se um segundo estrato, onde já há uma simetrização em quantidade apreciável, existe a emoção. A emoção está bem delimitada, em um nível ainda consciente, mas o princípio da simetria ajuda a entendê-la. No terceiro estrato o indivíduo já é identificado com a classe, o que introduz certa atemporalidade, pois os momentos não são diferenciados. Por exemplo: é o caso do indivíduo que se emociona frente a um benfeitor dizendo *tu és um pai para mim*. O objeto é reconhecido conscientemente pelas suas características, mas a emoção remete a e estabelece conexões (simétricas) com figuras do passado. A seguir, o quarto estrato apresenta a ausência de contradição e a substituição da realidade externa pela psíquica. Certa assimetria é preservada, porém, pela maior simetrização, a agressão perde um pouco de sua força pela homogeneização que ocorre “pari-passu” com esta maior simetrização. Sujeito e objeto constituem quase que uma única unidade. Não havendo contradição, a assimetria atenua-se. O quinto e último estrato apresenta o modo indivisível, ausência de relações assimétricas. Aqui um número infinito é um só número. Qualquer coisa é qualquer outra, ao mesmo tempo em que tudo está contido em uma coisa única (Parada, L. M., 1993). Neste estrato o pensamento carece de significado como decorrência da ausência de relações assimétricas. Embora os diversos estratos se diferenciem dos demais, cabe alertar que é possível a coexistência de características de um estrato com as de estratos diversos.

Isto posto, tentaremos expor como essa teoria, de nosso ponto de vista, pode ser útil na compreensão da mudança psíquica ou das dificuldades para atingi-la, através de uma ilustração clínica. Tentaremos compreender certas nuances do material através da óptica da bi-lógica, bem como as mudanças que se observaram gradativamente ao longo do processo analítico.





4. Exemplo clínico

O Sr. X é um paciente de meia idade, divorciado, industrial, bem situado profissionalmente, mas com uma sensação de limitação em relação aos colegas e com poucos relacionamentos sociais. Apresenta queixas somáticas variadas, mas principalmente sofre por sua dificuldade em manter a ereção logo após ou mesmo no momento da penetração. Sua ex-mulher o tratava com certo descaso. Embora declarasse ela preferir uma situação de companheirismo, nas esporádicas ocasiões em que aceitava uma aproximação sexual, manifestava abertamente seu desejo de não ser penetrada.

Quanto à sua história familiar, recorda que a mãe sabia que o marido tinha várias amantes. Nas constantes ausências do pai, ele, filho único, dormia com ela, situação que se prolongou até completar doze anos de idade. Lembra que ficava excitado, tinha ereções chegando mesmo a masturbar-se debaixo dos lençóis, ao lado da mãe, que parecia nada notar. Durante a análise são constantes as afirmativas de que sua vida não poderia ter tomado um rumo diferente e duvida que isto possa vir a acontecer. Lamenta-se repetitivamente e disto parece retirar certa satisfação. Quase que invariavelmente traz à sessão uma agenda mental preparada e reclama quando acredita que o analista quer alterá-la. A análise seguia também um caminho sem maiores alterações em sua sintomatologia, queixas ou conduta. Nos últimos meses o analista foi pouco a pouco modificando a linha interpretativa, introduzindo assinalamentos e interpretações mesclados com compreensões do material a partir da bi-lógica.

A sessão que se segue ilustra alguns dos pontos assinalados.

O paciente inicia mencionando que tivera um sonho, no qual estava polemizando com o analista afirmando a este, categoricamente, que nunca iria ficar potente. O analista no sonho teimava que ele tinha cura.

Isto foi interpretado como um jogo de forças entre ambos para ver quem conservava sua teoria.

O Sr. X fica pensativo e, quando volta a falar, diz que tivera uma fantasia a respeito de parar o tempo. Lamenta quanto tempo de sua vida já passou e diz estar recordando a melodia “*El Reloj*”, na qual existe um verso no qual é pedido ao relógio que se detenha, que não assinale a passagem das horas.

Foi-lhe dito: “*Tu pensas em parar o tempo e não em passar a aproveitá-lo*”.

Responde: “*Me dói muito ver o tempo de vida que eu poderia ter aproveitado.*”

Interpretação: “*Parando o relógio não precisas ver o tempo passar, não há tristeza, não houve perda.*”





O paciente silencia por alguns instantes e diz: “*Não sei por que sempre escolho mulheres que me maltratam. A minha mulher também me maltratava. As que não me maltratam não me despertam atração.*”

O analista diz: “*Parece que buscas sempre provar que as mulheres são seres que maltratam.*”

O paciente, admirado, revela que, sem saber o motivo, veio-lhe à mente a mulher do analista e uma convicção de que na cama dela só há lugar para um e corrige: “*...eu deveria ter dito que só há lugar para dois, ela e tu... é gozado, estou falando sem querer sentir o que estou dizendo*”.

O analista observa-lhe: “*Se estivesses sentindo, como irias poder falar isto?*”

Ele, então, retoma o tema anterior sobre as mulheres que, até onde sua memória alcança, sempre o maltrataram.

Isto é interpretado: “*Estás lembrando da tua mãe que foi a primeira delas e pela qual te sentias maltratado quando ela te colocava na cama no lugar do pai*”.

Lembra então: “*Naquelas ocasiões eu ficava muito excitado, mas sofria, pois não podia admitir uma ereção e muito menos pensar em trepar...*”

O analista lhe mostra que, paralisando o tempo, permanece criança, pode ficar na cama, mas não pode ficar potente. Tem que manter sua teoria toda a vida, como apareceu no sonho quando discutia com o analista.

Responde que acha mesmo que foi maltratado pela mãe quando ela o punha na cama e se queixava para ele dos maus tratos e descaso do marido para com ela. Exclama, de súbito, que tem que admitir que o seu pai também o maltratava quando saía de casa e permitia esta aproximação física com a mãe. Surpreende-se, neste momento, por novamente recordar que não consegue ter atração por mulheres que não o maltratam. Afirma que com estas ele assume o papel do que maltrata.

É-lhe dito que também tem outra convicção: “*Num par sempre alguém maltrata alguém*”.

Faz um breve silêncio e refere ter pensado que naquele momento o analista não estaria interessado nele, paciente, e sim que estaria com ereção, olhando para seu próprio pênis com orgulho.

O analista encerra com a seguinte formulação: “*Tu achas que eu estou orgulhoso de mim mesmo: o que eu te mostrei não era para teu proveito e sim para o meu próprio. Neste nosso par eu te maltrato, exploro o teu tempo e o teu dinheiro para a minha satisfação. Sou um pai que só pensa na própria potência e que te deixa abandonado, sozinho como no passado*”.

O material clínico apresentado permitiria variados tipos de compreensão e de formulação de interpretações. Estão presentes e detectáveis, na transferência, a identificação projetiva, as defesas contra a inveja, referências à cena primária, com esbo-





ção de triangulação, relação sadomasoquista, etc.

Vamo-nos ater, entretanto, a compreender sucintamente o material a partir dos conceitos anteriormente descritos. O tempo parece não ter transcorrido para o Sr. X. Viveu com a ex-mulher o mesmo drama que vivera com a mãe. Seu objetivo é o de abolir onipotentemente o tempo; paralisar o relógio e não atualizá-lo. Com isto, defende sua teoria de que as coisas são imutáveis, atemporais, propondo igualmente um desafio onipotente para o analista, revelado através do sonho. Pode-se pensar aí numa manifestação de simetrização, atribuindo ao analista a mesma posição que a sua, posição de confronto, o que tornaria a relação algo homogêneo. No sonho, a defesa de uma teoria é o que os iguala, simetriza; a polêmica entre ambos, paciente e analista, indica presença concomitante de certa assimetria, conforme os níveis descritos anteriormente. A tentativa de generalização aparece quando considera as mulheres como pertencentes todas à classe de objetos que maltratam. Logo após amplia esta generalização, acreditando na existência de uma classe mais abrangente, agora incluindo os homens, tornando-se todos seres-que-maltratam e também seres-que-são-maltratados.

Quando o Sr. X refere que lhe dói perceber a passagem do tempo e o que deixou de aproveitar, podemos dizer que sua teoria da atemporalidade está ameaçada. Isto implica em suspeitar que os pares podem ser diferentes. Há um luto próximo. No final da sessão, outra vez passado e presente se confundem e a “classe pai” é representada pelo analista.

Nas semanas subseqüentes apresentou-se inusitadamente deprimido, sem planos de vida e com muitos momentos de raiva manifesta do analista. Entre outras coisas, esta raiva centrava-se na queixa de haver perdido os filhos por ocasião da separação. Viu-se, entretanto, que a perda da qual se lamentava era principalmente da figura da mulher-mãe e que responsabilizava o analista por isto. Pouco a pouco, com o seguimento da análise, também manifestou iniciativas de reaproximação com os filhos, oferecendo-lhes programas conjuntos, ao contrário de antes, quando apenas os encontrava em refeições oferecidas pela ex-mulher. Está planejando mudar seu domicílio, pois desde a separação residia no apartamento dos pais já falecidos. Suas queixas repetitivas estão sendo mescladas com notícias de melhores oportunidades profissionais. A perspectiva de ganhos, neste momento, todavia, ainda não tem poder de convicção suficiente para atenuar a ameaça do luto que adviria pelo questionamento e possível perda da sua teoria, até então vigente.





5. Considerações adicionais e conclusão

Nos escritos sobre o tratamento da sua paciente Ana O, Freud ensina a importância de admitir a perda de uma teoria. Breuer, por permanecer arraigado a uma posição teórica anterior, a despeito da realidade da paciente, e por não admitir a morte de tal teoria, “morreu” como cientista. Popper (1994) afirma que o autor ou seguidor de uma teoria deve suportar que ela morra, isto é, deve alterar seus postulados para que o próprio autor não “morra”. A posição de Breuer contrasta com a de Freud que, face à mesma paciente e nas mesmas circunstâncias, admitiu a falência, a morte da teoria e a necessidade da criação de uma outra. Prosseguiu então construindo nova teoria, também provisória, porém mais adequada aos fenômenos observados.

Na sua auto-análise, Freud-paciente foi fornecendo a Freud-cientista os dados necessários para a construção e as modificações da teoria psicanalítica. Para isto, cremos, Freud-cientista várias vezes teve que suportar o luto por convicções anteriores. Este processo de elaboração de lutos não é isento de resistências, o que se pode constatar também no próprio Freud, pois tantas e tantas vezes, embora advogando teorias novas, lutava para reerguer ou manter posições pretéritas.

A dificuldade de o analista enfrentar – e portanto elaborar – o luto por suas teorias é mais facilmente detectada através do trabalho de supervisão. Vê-se, muitas vezes, situações em que o paciente já está mais evoluído e necessita, portanto, interpretações que também atinjam níveis mais evoluídos. O analista pode persistir interpretando sempre da mesma forma, entre outras razões para, inconscientemente, sustentar a abrangência universal da sua teoria inicial. Há identificação com uma teoria idealizada. A perda da crença na onipotência da teoria significa a ameaça de luto no analista pela perda da crença em sua própria onipotência. Em certos casos, ditos de “impasse”, talvez esteja sendo mantido um acordo entre ambos – paciente e analista – para aceitar uma imobilidade. Conjeturamos que, a despeito de seu efeito nocivo, este conluio tem a finalidade de preservar a teoria prévia de ambos, sendo neste momento, por exemplo, a teoria de que tal patologia é imutável. Espera-se, mais uma vez, que a análise prévia do analista e o auxílio da supervisão forneçam condições para ultrapassar o obstáculo.

Parte-se do pressuposto que, no início de uma análise, o analista funcione mais em termos de processo secundário e que a noção do *tempo* esteja nele presente. O paciente, no estado regressivo, funcionaria predominantemente através de repetições, estereotípias, o que permite supor uma participação intensa da atemporalidade, característica do processo primário. Com o processo psicanalítico deseja-se que as mudanças no paciente incluam a aquisição da noção, ou até, poder-se-ia dizer, da





percepção do tempo, ou seja, menor predomínio do funcionamento sob a égide do inconsciente. É esperado que as mudanças, igualmente, tendam a permanecer estáveis no decorrer do tempo. Por uma situação comparável a um “acidente de percurso”, talvez conseqüente à força das identificações projetivas constantes do paciente, às vezes sucede que as posições se invertem neste particular e o analista então passa a assumir o papel “atemporal”, enquanto que o paciente vai adquirindo a noção da temporalidade e das mudanças. O paciente, já menos regressivo, aponta ao analista que este segue interpretando em níveis mais primitivos como se não houvesse transcorrido tempo algum e como se o processo fosse imutável. Há um risco de iatrogenia: o “impasse” em situações ainda mais severas representaria uma homogeneização, a instalação de uma simetria entre ambos e a abolição mágica do tempo e das mudanças. As teorias iniciais seriam preservadas, e o luto por elas não se estabeleceria, permanecendo o mundo sempre o mesmo.

A inclusão das concepções de Matte-Blanco na apreciação e compreensão do material clínico surgido na relação transferência/contratransferência amplia de modo considerável as possibilidades e alternativas de formulação das interpretações, já que estas passam a incluir mais amiúde referências a elementos como espaço, tempo, generalização, homogeneização, etc. Amplia, igualmente, o leque de critérios de validação da interpretação, pois seu efeito, passível de ser observado de acordo com a resposta do paciente (Etchegoyen, 1999), também pode ser visto sob a óptica de tais concepções.

Do mesmo modo, a avaliação longitudinal do processo psicanalítico fica enriquecida, pois o caminho percorrido em direção a uma maior individualidade e criatividade nas relações interpessoais serve de indicativo. Isto será notado pela aquisição de uma noção mais confiável do registro do tempo e da maior discriminação sujeito-objeto pelo paciente.

Assim sendo, os autores ressaltam que a teoria bi-lógica pode ter utilidade técnica ao lado ou conjuntamente com outros enfoques que se harmonizem. Oferece ferramentas úteis para a elaboração dos lutos, tanto os do analista quanto e principalmente os do paciente, lutos estes decorrentes das necessárias perdas nas crenças e convicções. Pensamos que isto é pré-condição para que ocorra a mudança psíquica.

As idéias kleinianas a respeito da dinâmica do luto e suas possíveis relações com mudança psíquica no processo analítico encontram uma compreensão ampliada se acrescentada à óptica bi-lógica. Diz Melanie Klein (1940):

“...qualquer dor causada por experiências dolorosas, qualquer que seja sua natureza, tem algo de comum com o luto e reativa a posição depressiva infan-





til. O encontro e a superação da adversidade de qualquer espécie ocasiona um trabalho mental similar ao luto” (p.293).

Pensam os autores que este trabalho similar ao luto pode ser relacionado com as perdas inevitáveis que ocorrem no processo analítico durante qualquer mudança psíquica. Na medida em que ocorre o crescimento mental, há necessidade de desvinculação de uma ligação de tipo narcísico para uma vinculação objetal. Isto implica uma diferenciação, com o enfraquecimento do aspecto narcísico e da crença do indivíduo na sua onipotência e onisciência. □

Summary

The authors consider that the process of psychic change holds the working through of mourning for the loss of “theories of life”. These theories would be based upon a omnipotent narcissistic belief and need to be changed for other more realistic ones regarding how to solve the inherent and natural problems of existence.

The questioning of the “truth” of these theories of life as well as the acquisition of the perception of existence of time are constituent of this work and this regards both the patient and, in a certain measure, the analyst. These problems are experienced, re-editted and revised in the transference/countertransference relationship. The authors illustrate with a clinical case. They reflect that the concepts of symmetry, assymetry, homogenization and differentiation which are part of Matte Blanco’s bi-logical are important elements for the study and understanding of the dynamics of psychic changes which occur in a non-static analytical process.

Referências

- AHUMADA, J.L. Crise da Cultura e Crise da Psicanálise. In: *Descobertas e Refutações: A Lógica do Método Psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- AHUMADA, J.L., ETCHEGOYEN, R. H. (1990). Bateson and Matte-Blanco: bio-logic and bi-logic. *Int. Review of Psychoanal.* V. 17, p. 493-502.
- BION, W.R. *Elements of Psychoanalysis*. N. York: Basic Books, 1963.
- BRIA, P. (1999). Los Silogismos Afectivos y la Lógica del Delirio. Un Enfoque Bi-Lógico a la Psicopatología. Trabalho apresentado no 41º IPAC. Santiago-Chile, 1999.
- CUCURELLA, M. B. (1997). *Popper (1902-1994)*. Madrid: Del Orto, 1997.
- ETCHEGOYEN, R.H. Algunas Reflexiones sobre la Historia de la Técnica Psicoanalítica. Trabalho avulso a ser publicado.
- _____. *Un Ensayo Sobre la Interpretación Psicoanalítica*. Buenos Aires: Polemos, 1999.





- FINELL, J. S. Narcissistic problems in the analyst. *Int. J. Psycho-Anal.*, V. 66, p.177-189, 1985.
- FINK, K. The Bi-Logic Perception of Time. *Int. J. Psycho-Anal.*, V. 74, p.303-312., 1993.
- FREUD, S. (1911). Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental. *E.E.B.*, V. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1912). Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise. *E.S.B.*, V. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1915). O Inconsciente. *E.S.B.*, V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1917[1915]). Luto e Melancolia. *E.S.B.*, V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- JIMÉNEZ MORENO, L. *Kant (1724-1804)*. Madrid: Del Orto, 1995.
- JOSEPH, B. (1986[1989]). Mudança Psíquica e Processo Psicanalítico. In: *Equilibrio Psíquico e Mudança Psíquica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- _____. Mudança Psíquica: Algumas Perspectivas. *Rev. Bras. Psicanálise*, V. XXIV, n.1, p. 345-353, 1990.
- KLEIN, M.(1940). El Duelo y su Relación con los Estados Maníaco-Depresivos. In: *Melanie Klein Obras Completas*, V. II. Buenos Aires: Paidós, 1976.
- _____. (1946). Nota Sobre Algunos Mecanismos Esquizoides. In: *Melanie Klein Obras Completas*, V. III. Buenos Aires: Paidós-Hormé, 1976.
- MATTE-BLANCO, I. (1956). Expresión en Lógica Simbólica de las Características del Sistema ICC o la Lógica del Sistema ICC. In: *Cuarenta Años de Psicoanálisis en Chile*. Santiago-Chile: Ananké, 1991.
- _____. *The Unconscious as Infinite Sets. An Essay in Bi-Logic*. London: Duckworth, 1975.
- _____. Reflexionando com Bion. *Revista Chilena de Psicoanálisis*, 1981, p.7-41.
- _____. *Thinking, Feeling and Being*. London: Routledge, 1988.
- PARADA, L.M. Introducción al Pensamiento de Ignacio Matte Blanco. In: *Mente y conjuntos infinitos – Aproximaciones a la Bi-lógica de I. Matte Blanco*. Eleonora Casaula T., Jaime Coloma A., Juan Francisco Jordán M. Santiago-Chile: Ananké, 1993.
- POPPER, K. *En busca de un mundo mejor*. Barcelona: Paidós, 1994.
- RAYNER, E., TUCKETT, D. An introduction to Matte-Blanco's reformulation of the Freudian unconscious and his conceptualization of the internal world. In: M. BLANCO, I. *Thinking, Feeling e Being*. London: Routhledge, 1988.

Romualdo Romanowski

Av. Ijuí, 86/403

90460-200 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA

